

## A título de apresentação "Ética e Estética: uma versão neo-liberal do juízo de gosto", de Bento Prado Júnior\*

### André Carone

Filósofo, professor da Universidade Federal de São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, Rodovia Washington Luís, km 235, Monjolinho, São Carlos, SP, Brasil, (16) 33518366, (11) 30914535, amcarone@uol.com.br

### João Marcos Lopes

Arquiteto e urbanista, professor doutor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos, Avenida Trabalhador Sancarlenense, 400, CEP 13566590, São Carlos, SP, (16) 33739294, jmalopes@sc.usp.br

\* O ensaio que aqui trazemos foi originalmente publicado em 2003 pela Editora da UFMG em homenagem a José Henrique Santos, professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais, ex-reitor desta Universidade e membro da Academia Mineira de Letras. A edição mineira do artigo do prof. Bento Prado integra a coletânea de textos em homenagem a José Henrique Santos "Ética, política e cultura".

As perspectivas que se cruzam neste ensaio de Bento Prado Júnior deixam entrever o conjunto de suas preocupações filosóficas em anos recentes, e que certamente teriam sido aprofundadas na seqüência de seu trabalho. Aqui ele se limita mais ao esboço de um programa de investigação do que a um estudo sistemático, embora nem por isso tenha se esquivado, em sua conclusão, de apresentar um veredicto. Porém o interesse maior reside, a nosso ver, no modo como Bento nos conduz até a conclusão. Enquanto busca nos dois últimos séculos do pensamento filosófico as razões para o desaparecimento dos laços entre ética e estética, ele se posiciona em um ponto intermédio - uma espécie de *entre-lugar* -, reunindo fios que atravessam estética, política e moral para ensaiar em seguida um diagnóstico do tempo presente. E assim notamos que a breve incursão pela história da estética, a partir da *Crítica do Juízo* de Kant, é feita em nome de um interesse pelo que é atual. Aqui, como em tantas outras situações, Bento confronta a filosofia com algo que se encontra para além da própria filosofia, dirigindo sua atenção para os modos de construção do pensamento e preocupando-se menos com a aplicação exterior da teoria ao campo da experiência.

É neste sentido que, por entre indagações filosóficas, as considerações de Bento também chegam até os arquitetos. Mesmo que solapadas as possi-

bilidades de convocar a teoria para, sem mais, aplicar-se à prática, o pensamento também alcança, de qualquer forma, o que se constrói como substrato teórico da Arquitetura. Nos campos de um ofício que se dedica à "construção do mundo", a Arquitetura nunca deixou de se ressentir frente às circunstâncias que lhe fazem duplicar sua personalidade. Num momento em que entre os arquitetos é eloqüente o reaparecimento do "juízo de gosto", parece que o gosto perdeu-se como capacidade de julgar justamente porque imerso naquelas circunstâncias: em ritmo de "fim da experiência", de "banalização" da obra de arte e de seu esvaziamento de qualquer sentido ético ou político, os arquitetos ressentem-se com o isolamento de um seu objeto e no texto puído de uma experiência estética - que já, há muito, não se conforma com sua dupla condição entre arte-útil e arte-simbólica (*a la* Hegel) -, perguntam-se até que ponto ainda é possível pretender alguma dimensão estética para uma prática que, pela suas dimensões técnica e utilitária, comprometidas com o mundo da reprodução da vida, mais se adequaria sujeitar-se a um profundo questionamento ético.

Neste ensaio Bento provoca ao retomar, em outro diapasão, uma dúvida que insiste em não abandonar também o debate em Arquitetura: com a nova ordem que nos determina o ceticismo perante aquelas utopias arengadas pelas Vanguardas, com o

irritante esfacelamento das tradições discursivas (como diz Deleuze, o "apodrecimento das palavras") e com a polissemia de sentidos (mesmo que ocultos) cada vez mais acentuada que nos empata a tarefa da crítica, será que poderíamos afirmar o desaparecimento de uma legítima experiência estética também na Arquitetura – uma "arte de massa" por excelência – e a irreduzível subsunção de seus objetos aos caprichos do capital?

Ora, o pensamento também se constrói como indagação e, enquanto indagação, dirige-se como possibilidade de transformação da existência, isto é, de um devir. Na medida em que os entrelaçamentos entre ética e estética se esgarçam, recolhemo-nos à constatação do "fim da experiência" e

sobre ela aplicarmos-nos no exercício da crítica, não nos franqueia o direito de descartar a dúvida e o questionamento permanente quanto às dimensões estéticas, políticas e morais que conformam os discursos que embalam a Arquitetura que, como ofício que se aplica ao mundo, deveria permanentemente pensar-se a si mesma.

O fato de os arquitetos ressentirem-se com a perda ou o esvaziamento de seus objetos – viúvos de uma matrona de concreto e vidro – não lhes justifica recusar os impasses da dúvida. Realmente, não é o caso de achar que *tout va très bien*. Mas nada elimina a obrigação de, pelo menos, tomarmos posição frente ao que nos constrói o mundo.